

A CONFIGURAÇÃO LINGUÍSTICA E PRAGMÁTICA DOS TURNOS CONVERSACIONAIS NA FALA DE SUJEITOS AFÁSICOS EM SITUAÇÕES INTERATIVAS

THE LINGUISTIC AND PRAGMATIC CONFIGURATION OF TURNS CONVERSATIONAL
IN THE SPEECH OF APHASIC SUBJECTS IN INTERACTIVE SITUATION

Caio César Costa Ribeiro Mira* (UNICAMP/Unianchieta)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar a configuração linguística e pragmática das dinâmicas dos turnos conversacionais em um fragmento de um episódio conversacional de um grupo de sujeitos afásicos e não afásicos. Para esta tarefa, mobilizaremos a noção de turno oriunda da Análise da Conversação e alguns conceitos analíticos da Sociolinguística Interacional. As análises demonstram que os afásicos, apesar de seus déficits de ordem linguístico-cognitiva, conseguem manipular os turnos no desenvolvimento da interação..

PALAVRAS-CHAVE: Afasia, Conversação, Turnos, Interação.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the linguistic and pragmatic configuration of dynamics of conversational turns in a fragment of an episode of conversational group of aphasic and non-aphasics. For this task, mobilize the concept of shift originated from Conversation Analysis and some analytical concepts of Interactional Sociolinguistics. Analyses show that aphasics, despite their deficits in order cognitive-linguistic, can handle the turns in the development of interaction.

KEYWORDS: Aphasia, Conversation, Turns, Interaction.

* Mestre e doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Centro Universitário Padre Anchieta (Unianchieta), em Jundiaí (SP). Este trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – processo nº 07/50264-3. E-mail: caiomira@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

As afasias, *grosso modo*, são sequelas de linguagem causadas por um episódio neurológico, como um acidente vascular cerebral (AVC), traumatismos crânio-encefálico ou um tumor cerebral. O que estas sequelas acarretam ao indivíduo são dificuldades nos processos de produção e interpretação de linguagem. As afasias afetam a linguagem em seus vários níveis: fono-articulatórios, a dificuldade de articular e produzir sons; no nível sintático, a capacidade de ordenar os elementos dos enunciados em formas “gramaticalmente” aceitas, como por exemplo a “fala telegráfica” em que há ausência dos elementos conectivos; no nível lexical dificuldade de acesso às palavras, além de dificuldades de produção e interpretação do sentido nos enunciados (Morato *et al*, 2002).

Diante deste quadro, o sujeito afásico depara-se cotidianamente com várias dificuldades de comunicação verbal, e, conseqüentemente, de interação com familiares e pessoas próximas. Para o afásico, a conversação passa a ser uma atividade laboriosa, onde muitas vezes o engajamento interativo é sensivelmente afetado pelos os déficits linguísticos imposto pelo evento neurológico. Apesar destas dificuldades, o dado analisado deste trabalho mostra que o conhecimento a cerca das estruturas e do funcionamento da conversação não são prejudicados integralmente nas afasias. Pelo contrário, há indícios evidentes do (re) conhecimento das formas de uso uma das principais estruturas interativas, o turno conversacional.

A estruturação dos turnos é um dos principais elementos que asseguram o desenvolvimento da conversação por possibilitar uma projeção tópica que um elemento do turno antecedente desencadeia para o próximo turno. Esta relação de interdependência entre os turnos é sustentada pelo entrosamento interativo entre os interlocutores, que procuram articular suas falas e mantê-las coesas e coerentes em relação a um dado conjunto referencial, que se salienta num dado momento do evento comunicativo, isto é, o tópico discursivo. Neste sentido, os turnos desempenham um papel fundamental na organização da conversação, o fenômeno prototípico do uso da linguagem, sustentando:

o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais, tornando-se assim um dos melhores testes para a organização e funcionamento da cognição na complexa atividade de comunicação humana. Neste contexto a língua é um dos tantos investimentos, mas não o único, o que permite uma análise de múltiplos fenômenos em seu entrecruzamento (MARCUSCHI, 1998, p. 7 – grifos nossos)

Se, conforme assinala Marcuschi (1998), a conversação é o *exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais*, podemos tecer uma hipótese segundo a qual as conversações, tomadas enquanto fenômenos sócio-cognitivos, podem fornecer ganhos heurísticos para o entendimento das relações entre linguagem e cognição no contexto patológico, bem como permitem rediscutir – no terreno dos estudos linguísticos – o próprio conceito de afasia (geralmente amparado no domínio empírico por baterias de testes-padrão, de maneira praticamente caricatural em relação às propriedades e funções da linguagem e de outros processos cognitivos).

O objetivo deste trabalho é analisar, em um fragmento de um episódio interativo de um grupo de sujeitos afásicos e não afásicos, a configuração linguística e pragmática das dinâmicas dos turnos conversacionais como recursos de engajamento interacional e comunicativo que sujeitos acometidos por afasias lançam mão em situações conversacionais.

Nas seções abaixo procederemos a uma descrição da noção de turno conversacional, e em seguida, à descrição e à análise de nossos dados. Neste trabalho, utilizaremos a noção de turno conversacional, oriunda dos estudos da Análise da Conversação norte-americana (doravante AC), e alguns postulados da Sociolinguística Interacional. Desta forma, vale a pena ressaltar que este trabalho não inscreve-se exclusivamente no quadro teórico metodológico da Análise da Conversação. Ele se aproxima mais dos estudos da Sociolinguística Interacional e dos estudos de análise das interações de perspectiva textual-discursiva desenvolvidos no Brasil por autores como Jubran e Koch (2006) e Marcuschi (1998), razão pela qual optamos por um sistema de transcrição mais simplificado.

1 A NOÇÃO DE TURNO CONVERSACIONAL

O estudo pioneiro de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) sobre a sistemática elementar da troca de turnos representa um marco inicial dos estudos da AC, por traçar um modelo de tomada de turnos ancorado na observação empírica dos aspectos sistemáticos recorrentes da conversação. Neste estudo, fica evidente a definição dos princípios metodológicos norteadores para a consolidação de um aparato analítico consistente, que fosse capaz de explicar a organização sequencial administrada tacitamente pelos falantes numa atividade interativa. Nas palavras dos autores:

O sistema de tomada de turnos é em primeiro lugar para 'sequências da fala'. Há uma ordem de organização para tipos de sequências, em referência à qual a extensão da conversa para unidades deste tipo pode ser determinada. O sistema de trocas de turno em si é compatível com extensões variáveis e não pré-determina nenhuma extensão (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974/2003, p. 27)

A proposta que os autores lançam configurou-se, na realidade, nos princípios analítico-metodológicos que regem os estudos da AC Estes princípios são: *i)* uma abordagem rigorosamente empírica, que evita a construção de pressupostos teóricos e de julgamentos intuitivos; *ii)* a busca de padrões recorrentes em um número expressivo de conversações em contextos naturais; *iii)* ênfase às consequências interacionais e inferências que os falantes realizam nas conversações; *iv)* a explicação das propriedades sistemáticas da organização sequencial da conversa e as maneiras como as enunciações são concebidas para gerar tais sequências (LEVINSON, 2007).

A partir destes princípios, os autores concebem um modelo para a dinâmica das trocas de turnos que busca estabelecer uma sistemática elementar calcada em dois elementos: as unidades de construção de turno (UCT) e os lugares relevantes de transição do turno (LRT). Desta forma, os autores tecem um conjunto básico de regras que governam a construção e a sistemática das trocas de turno:

(1) Para qualquer turno, no primeiro lugar relevante para a transição de uma primeira unidade de construção de turno:

(a) Se o turno até aqui está construído de modo a envolver o uso de uma técnica de 'falante corrente seleciona o próximo', então a parte assim selecionada tem o direito e é obrigada a tomar o turno seguinte para falar; nenhuma outra parte possui tais direitos ou obrigações, e a transferência ocorre naquele lugar;

(b) Se o turno até aqui está construído de modo a não envolver o uso da técnica de 'falante corrente seleciona o próximo', então, a auto-seleção para a próxima vez de falar pode ser instituída, mas não necessariamente; quem inicia primeiro adquire o direito ao turno, e a transferência ocorre naquele lugar;

(c) Se o turno até então é construído de forma a não envolver o uso da técnica de 'falante corrente seleciona o próximo', então o falante corrente pode, mas não precisa continuar, a menos que outro se auto-selecione ;

(2) Se, no primeiro lugar relevante para a transição de uma primeira unidade de construção de turno, nem 1a e nem 1b operaram, e, seguindo a provisão 1c, o falante corrente continuou, então o conjunto de regras a-c reaplica-se no próximo lugar relevante para a transição e recursivamente a seguir em cada lugar relevante para a transição, até a transferência ser efetivada. (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974/2003, p. 16-17)

O objetivo de muitos trabalhos, no âmbito da AC, concentrou-se na tarefa de oferecer

subsídios teóricos e analíticos da organização dos turnos a partir do sistema de trocas proposto pelos autores. Uma observação detalhada da bibliografia a respeito da noção de turno neste campo revela, entre outras coisas, uma forte tendência descritivista e atenção à definição de traços linguísticos que constituem os turnos. Partindo da premissa: “os tipos de unidade para o inglês incluem construções do tipo sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais” (SACKS; SECHLOFF; JEFFESON, 1974/2003, p. 16), uma quantidade considerável de trabalhos produzidos na década de 90 buscam corroborar a hipótese de que a sintaxe seguida do léxico prevaleceriam na construção dos turnos. Em outras palavras, a insistência na determinação dos níveis linguísticos que, de certa forma, “comandam” os processos de constituição e trocas de turnos revela uma forte orientação dos estudos da AC: a de tentar sistematizar, ou até mesmo, de gramaticalizar os recursos da linguagem ordinária.

A primeira tentativa de definição das UCT ocorre em 1974 no trabalho de Sacks, Shegloff e Jefferson sobre a sistemática de alternância de turnos. Este estudo apresenta e exemplifica as bases fundamentais para o entendimento das formas de trocas de turno, porém, a definição das UCT carece de mais especificidade. Neste clássico texto da AC, a definição é realizada a partir de traços linguísticos pouco definidos do inglês. Nas palavras dos autores:

Há vários tipos de unidades com as quais um falante pode começar a construir um turno. Os tipos de unidade para o inglês incluem construções do tipo sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais. As ocorrências de tipos de unidades assim utilizadas permitem uma projeção do tipo de unidade em andamento, e, *grosso modo*, o quanto faltará para que uma ocorrência daquele tipo seja completada (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974/2003, p. 16)

A definição das UCT proposta por Sacks, Schegloff e Jefferson não especifica claramente quais são os níveis linguísticos envolvidos no funcionamento do sistema de trocas de turnos. O critério mais claro que os autores mencionam, é o *princípio de projetabilidade*. Desta forma, as UCT são caracterizadas empiricamente por alguns aspectos sintáticos e lexicais. No entanto, é a possibilidade de projeção apresentada por estes aspectos que determina as finalizações e as passagens de turnos, tal como é proposto para a operação do sistema de trocas.

Embora os autores, neste texto, não busquem estabelecer detalhadamente as unidades que constituem o turno, mas sim demonstrar que as trocas de turnos são passíveis de sistematização, estudos posteriores procuram esclarecer quais são os níveis linguísticos

mais salientes que possibilitam mensurar fatores intrínsecos da construção de turnos, tal como a extensão e as finalizações. Um bom exemplo de trabalho desta vertente é o estudo de Levinson (2007) que oferece uma definição mais clara dos traços linguísticos que determinam uma UCT. É interessante notar, que para o este autor, a primazia dos traços sintáticos é relativizada pelo o que ele denomina de *flexibilidade da sintaxe da língua natural*, que confere aos falantes a possibilidade do reconhecimento da extensão e da configuração de uma UCT. Segundo o autor:

Essas unidades, neste modelo, são determinadas por vários traços da estrutura linguística superficial: são unidades sintáticas (sentenças, orações, sintagmas nominais, etc) identificadas como unidades de turno em parte por meios prosódicos, e, especificamente, por meios entonacionais. Inicialmente, será atribuída ao falante apenas uma destas *unidades construcionais de turno* (embora a extensão da unidade esteja, em grande parte, sob o controle do falante, devido à flexibilidade da sintaxe da língua natural (LEVINSON, 2007, p. 377)

As afirmações de Levinson são corroboradas por alguns estudos que partem do pressuposto de que as UCT são as unidades linguísticas mínimas relevantes constituídas a partir de recursos sintáticos e prosódicos. Em outras palavras, a imprecisão a respeito da “materialidade linguística” das UCT cede espaço às pesquisas que visam aprimorar a compreensão das trocas de turnos. Os trabalhos de Selting (1996, 2000), representam esta concepção, ao exemplificar com dados conversacionais do alemão e do inglês os níveis linguísticos mais salientes para a troca de turnos. Segundo a autora, as unidades são potencialmente constituídas e completadas em alguns pontos sintáticos, entretanto, a sintaxe isoladamente não é capaz determinar a construção dos turnos. Os dados de suas pesquisas demonstram que há uma interface entre elementos sintáticos e prosódicos, ou seja, existiria uma predominância sintática para a construção dos turnos, porém contextualizada prosodicamente.

Os argumentos sobre a existência de uma interface entre a sintaxe e a prosódia na construção de turnos ganham maior evidência nos estudos da AC. Muitos estudos da área buscam delimitar detalhadamente as UCT a fim de agregar ao sistema de trocas turnos, proposto por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), uma compreensão mais apurada da organização interativa da conversação, sobretudo, a respeito dos níveis linguísticos manipulados pelos falantes que permitem a eles reconhecer a extensão e os lugares mais relevantes de tomada e sobreposição dos turnos. Principalmente na década de 90, a hipótese de que a sintaxe isoladamente não consegue abarcar as estratégias das trocas de

turno torna-se mais pertinente.

Esta posição também adotada por Ford, Fox e Thompson (1996). As autoras afirmam que não estão convencidas a respeito da hipótese da predominância sintática, e, defendem a ideia de que os outros fatores estão envolvidos nos processos de projeção e finalizações de turno. Os fatores envolvidos nas trajetórias de turnos incluem, nas palavras das autoras, uma “constelação” de pistas pragmáticas, prosódicas e gestuais. Assim, a inserção do termo “pragmática” para designar outros mecanismos que estão fora de aparato organizacional da sintaxe e até mesmo da gramática, como Schegloff menciona, abre a possibilidade de questionar o que realmente determina as trocas de turnos numa conversação.

O modelo de Sacks, Schegloff e Jefferson enfoca fundamentalmente a noção de unidade para explicar as formas que os falantes organizam as tomadas de turno. Na realidade, o modelo tem sido interpretado com um inventário de estruturas, o que ocasiona insistentes tentativas de operacionalizar as unidades mínimas desse inventário a fim de explicar o funcionamento dos turnos. Assim, fica evidente uma tensão entre o funcionamento do sistema de tomada de turno, calcado em unidades mínimas, e a dinamicidade dos fatores contextuais intrínsecos ao evento interativo. O ponto mais visível desta tensão é a insistência em capturar as unidades de construção de turno e a exclusão de fatores que fogem à sistematicidade dos níveis linguísticos, ou seja, o que as autoras rotulam sob o termo pragmática: fatores imbuídos na ação interativa.

Na realidade, trabalhos como os de Ford, Fox e Thompson (1996) indicam uma tendência no quadro teórico-analítico da AC, sobretudo a de cunho etnometodológico: a dificuldade de operar metodologicamente níveis fora do aparato organizacional da gramática, apesar de pressupô-los. Muitas pesquisas da área buscam refutar as bases metodológicas lançadas por Sacks, Schegloff e Jefferson, porém, acabam, na maioria das vezes, corroborando com uma ideia de segmentação da conversa em unidades gramaticais. A metodologia da AC, baseada em especial em uma transcrição finamente detalhada do ponto de vista da sequencialidade e da temporalidade dos eventos é posta em ação a fim de analisar e descrever a conversação a partir das regularidades manifestas da língua. Este posicionamento ofusca de certo modo a possibilidade completa de compreender a conversação como um evento interativo estruturado a um só tempo de forma macro e micro, uma prática social altamente ritualizada em que os falantes lançam mão de outros recursos simbólicos que não a língua, voltados para a realização contínua de múltiplas atividades

psico-sociais (HANKS, 2008).

O quadro que se forma diante de tal percepção indica uma tendência em atribuir a todos os níveis linguísticos a capacidade de organização da conversação. Soa um pouco contraditório constatar que a AC investe “suas fichas” apenas nos fatores linguísticos para a compreensão da conversação, em função de uma visada essencialmente interacional reivindicada por este domínio interdisciplinar. É contraditório tal posicionamento, pois os aspectos interativos e pragmáticos são praticamente negligenciados no aparato analítico (algo semelhante ao que Goffman chama de a *situação negligenciada*), e também porque a conversação não é somente realização de um sistema de trocas mensurável a partir de unidades linguísticas, mas sim uma prática social e interativa. Outro ponto que suscita controvérsias diz respeito à influência de Etnomedologia, cuja inspiração é a Etologia, ou as ciências naturais, na AC, quem em certa medida afastou as bases de cunho sociológico que nortearam a consolidação da área.

2 OS DADOS

Os dados deste trabalho são provenientes do acervo do banco de dados do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação: estudo de práticas linguístico-interacionais no contexto patológico” (Cogites). O acervo deste banco de dados é constituído por gravações em meio audiovisual dos encontros do Centro de Convivência de Afásicos (doravante CCA). O CCA é fruto de uma ação conjunta entre o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas e o Departamento de Linguística do Instituto de Estudo da Linguagem, ambos da Unicamp. Funciona desde 1990 com o intuito de “desmedicalizar” os tipos de intervenções terapêuticas e clínicas que eram então oferecidas aos sujeitos afásicos, proporcionando a eles uma abordagem do fenômeno afásico diferente dos moldes tradicionais.

O seu principal objetivo é oferecer um espaço de interação, como um espaço para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre os sujeitos afásicos e não afásicos no intuito de contribuir para o maior entendimento da condição de afásico e oferecer alternativas para a reintegração social destes sujeitos pela convivência e enfrentamento mútuo das inúmeras dificuldades ocasionadas pelas afasias. Além disso, o CCA também é um espaço de pesquisa e docência no qual se envolvem pesquisadores, alunos de pós-graduação que se empenham em pesquisas sobre a complexa relação entre

os aspectos sociais e interativos que envolvem linguagem, cérebro, cognição. Os sujeitos afásicos que frequentam o CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia, onde recebem todo o tipo de assistência clínica necessária. Os não afásicos que integram o CCA são amigos, familiares e pesquisadores, sendo que estes últimos desenvolvem seus trabalhos no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

Os encontros iniciam-se com a atividade de linguagem e terminam com a atividade de teatro. Entre as duas atividades, independentemente da sequência, existe uma pausa para um “café”. Os encontros duram aproximadamente três horas, sendo que cada uma das atividades têm uma hora e quinze de duração e a pausa para o café cerca de meia hora.

Os nossos dados referem-se às atividades do Programa de Linguagem. Estas atividades procuram explorar os diversos gêneros e eventos que constituem o uso da linguagem no cotidiano tais como: diálogos, comentários, narrativas, a exposição e a discussão de notícias de jornais e revistas, as discussões sobre temas sociais e culturais diversos (principalmente de produções culturais como filmes, peças de teatro, e obras literárias), comentários sobre o noticiário e a vida política do país, assim como também relatos da vida cotidiana e familiar dos membros do grupo.

No encontro de 07/03/2004, a atividade do Programa de Linguagem consistia no relato das férias e festas de final de ano. Após tomarem café, os participantes, sentados ao redor de uma mesa, produziam pequenos relatos a respeito do que fizeram durante o período de recesso das atividades do CCA. Em função do fato de ser o primeiro encontro do ano, as narrativas ocupam grande parte do espaço das atividades, e, assim, tornam-se a tópico predominante da interação. Portanto, o primeiro supertópico introduzido no encontro de 07/03 é o “relato de férias”. Segue abaixo um fragmento deste encontro¹:

- 1 EM: então ficou assim...e você tem uma novidade que tava contando pro grupo né
2 **MG**: eu bati ((risos))
3 JT: ah que emocionante G...batida foi emocionante então
4 **MG**: foi ((risos))
5 **IP**: na garagem da vizinha né G
6 **MG**: e be te
7 EM: mas bateu sem perigo assim machucou nada
8 **MG**: não...eu entre de ((risos))
9 JT: de marcha ré?
10 JC: entrou na garagem da vizinha
11 **IP**: é ((risos de MG))
12 **MG**: é mandei e

¹ Apenas para garantir a melhor visualização e compreensão dos dados, utilizaremos negrito para identificar os participantes afásicos.

13 EM: você bateu na garagem da vizinha aqui em Campinas?
14 MG: é na
 --→ ((olha para IP))
15 IP: [perto
16 JM: de marcha ré?
17 MG: ...vinte e quatro::
18 JT: na véspera de Natal?
19 MG: é

Após os cumprimentos e saudações rotineiros entre os membros do grupo, a pesquisadora EM instaura o super tópico “relato de férias”, havendo o desdobramento desse supertópico em subtópicos. Cada um dos participantes, indagados por EM, produz um pequeno relato de suas férias e final de ano. No fragmento selecionado, analisaremos o desenvolvimento de um desses subtópicos e a dinâmica dos turnos, especificamente o padrão de constituição e transição dos turnos no gerenciamento do tópico.

Conforme é observado na linha 1, a pesquisadora EM, dando continuidade aos relatos individuais de férias, indaga a participante afásica MG a respeito dos fatos ocorridos durante o recesso do grupo. Antes de ser indagada por EM, MG relatou algum fatos ocorridos durante o período de recesso do grupo para outros participantes, o que ocasionou a formação de grupos paralelos durante o relato de outro participante. Para assegurar o compartilhamento do relato de MG, e conseqüentemente a instauração e o desenvolvimento de novo subtópico, EM inicia uma estrutura de transição de turnos baseada em pares adjacentes, que assegura a alternância dos turnos e a seleção do próximo falante, por serem constituídos basicamente por perguntas (P) e respostas (R).

Os pares adjacentes demandam, na maioria das vezes, um certo direcionamento dos turnos, que no caso deste fragmento é a continuidade do supertópico (“relato de férias” e seu desdobramento em subtópicos – “a batida de carro de MG”). O fator que desencadeia estas enunciações emparelhadas em forma de pares adjacentes é a produção de uma primeira parte do par, o atual falante deve parar de falar, e o seguinte deve produzir, nesse ponto, uma segunda parte do mesmo par (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974).

Apesar da estrutura de perguntas e respostas demandar essencialmente a transição dos turnos e a seleção imediata do próximo falante, conforme pode ser observado nas linhas 1-2 (1 EM: “então ficou assim...e você tem uma novidade que tava contando pro grupo NE /2 MG:eu bati”), 7-8 (7 EM: mas bateu sem perigo assim machucou nada /8 MG: não...eu entre de) e 13-14 (13 EM: você bateu na garagem da vizinha aqui em Campinas? / 14 MG: é na ((hesitação)), há a inserção de turnos de outros participantes no par adjacente estabelecido anteriormente entre EM e MG. Nas linhas 3, 5, 9, 10 e 11, os turnos de JT, IP

e JC estão intercalados às respostas de MG. A inserção destes turnos colabora para o desenvolvimento do subtópico em questão, como também na manutenção da própria estrutura de pergunta e resposta. Em outras palavras, embora as perguntas iniciais do par não sejam endereçadas especificamente a JT, IP e JC, os turnos intercalados desses participantes requerem o maior detalhamento das resposta de MG, ou seja, a continuidade de sua narrativa.

Os turnos dos participantes que inicialmente não são parte do par adjacente demonstram que o critério de adjacência das díades de pergunta e respostas revela-se frágil por não conseguir explicar as possibilidades de transição dos turnos. No fragmento 1-15, a estrutura de par adjacente é o mecanismo inicial da dinâmica de turnos que desencadeia tanto a continuidade da conversação quanto age diretamente na progressão de um supertópico definido anteriormente, isto é, o relato de férias do participantes e a instauração do subtópico “a batida de carro de MG”. Um conceito interessante que amplia o critério de adjacência é o de relevância condicional.

Levinson (2007) propõe que a regra que une as partes de um par não é uma questão que deve receber uma resposta para assim haver um discurso bem formado, mas sim as expectativas específicas que é preciso atender na interação em curso. Levando em conta a atividade conjunta exercida pelo grupo, o relato do período de férias dos participantes, podemos considerar que os turnos de JT, IP e JC não são mecanismos de ruptura do par, instaurado por EM (linha 1: “então ficou assim...e você tem uma novidade que tava contando pro grupo ne”). Se considerarmos a expectativa da ação do grupo neste momento da interação, podemos concluir que estes turnos são várias segundas partes do par que potencialmente respondem à primeira parte do par, isto é, o pedido de EM para MG relatar suas férias. Na realidade, os turnos intercalados demonstram que a noção de adjacência é estreita. Podemos observar que segmento 1-15 que há reações distintas, que não são propriamente respostas às perguntas, porém, funcionam como segundas partes aceitáveis do par inicialmente estabelecido e agem diretamente na sequencialidade do episódio conversacional. Sob a ótica do desenvolvimento tópico, os turnos intercalados são elementos influentes no fenômeno de progressão tópica.

Em relação à constituição da UCTs, as linhas 14-15 apresentam uma forma de transição que contraria a tese de predominância sintática preconizada por Schegloff desde a publicação do artigo seminal sobre a sistemática elementar das trocas de turnos (1974). Na linha 14, o turno de MG não apresenta uma finalização em termos sintáticos, ocorre uma

hesitação no momento da produção da resposta à pergunta de EM na linha anterior (*you bateu na garagem da vizinha aqui em Campinas?*). Devido à grande pausa no momento da finalização da UCT, a participante IP completa o turno de MG (linha 14). A ação de IP em relação à transição do turno poderia ser interpretada apenas como uma sobreposição, entretanto, tem-se neste fragmento um exemplo de sua percepção do lugar relevante de transição do turno que culmina em uma ação colaborativa para proceder ao fechamento do turno anterior de MG e assim assegurar a progressão tópica. Se observarmos estes movimentos de transição de turno somente sob a ótica de um sistema de trocas que opera por unidades mínimas sintáticas e lexicais, tal como é proposto por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), constaremos que o padrão da transição dos turnos não ocorre somente em função de aspectos estritamente linguísticos. Em 14 e 15, o LRT ocorre por um fator pragmático e prosódico (o olhar de MG para IP, e a sua hesitação), o postulado de finalização e transição dos turnos proposto por Ford e Fox (1996), ou seja, a convergência de fatores prosódicos e pragmáticos na constituição das UCTs. Vale salientar que parece haver uma ratificação, por parte de MG, para IP participar da transição dos turnos e assim co-operar no desenvolvimento tópico. A partir desse segmento, a ratificação de IP alterna não só a estrutura anterior de par adjacentes, como também é um mecanismo contribuição dos referentes tópicos. A ratificação de outros participantes em interações diádicas promove a construção de um estado de informações compartilhadas que afeta sensivelmente o engajamento dos participantes na interação e, conseqüentemente, a forma de transição dos turnos Goffman (2002/1964).

A interrogação feita por JM (linha 16: *de marcha ré?*) logo após o fechamento do turno de MG que foi realizado por IP nos mostra que a sucessão do turno foi completada. MG prossegue com o relato dos detalhes de seu acidente e inicia seu turno com uma micro pausa no início da sentença e, ao final, realiza um alongamento vocálico. Este sinal prosódico é interpretado por JT como um sinal de que há a necessidade de sua complementação, a qual ele prontamente realiza com uma sobreposição que é uma pergunta acerca das circunstâncias do episódio em questão (18 JT: *na véspera de Natal?*).

Na sequência, MG responde ao questionamento, e, portanto fecha o turno inicialmente aberto por ela (linhas 17 e 19). É possível perceber que IP já elabora complementos referenciais ao tópico da conversa, o relato do acidente de MG, nos espaços de repetição e hesitação dos lugares mais relevantes de finalizações dos turnos de MG (por exemplo, nas linhas 24 e 25 no fragmento abaixo). Vale salientar também que os turnos de

IP são inseridos na conversa sem sobreposição, unindo as partes do par adjacente sem recorrer a estrutura de perguntas e respostas.

20 JT: véspera de Natal...que beleza
21 EM: escuta G (é o mesmo) que você tinha batido antes?
22 **MG:** não ((todos falam ao mesmo tempo))
23 EM: você bateu no portão dela?
24 **MG:** no portão dela a sorte que ela tava...ela tava ela tava...tava
25 **IP:** dentro
26 **MG:** não
27 EM: ela não estava ali
28 **MG:** não...e ela só chegou duas horas da ((risos))
29 EM: é pegou no portão...tá e aí quando você bate no portão dela você manda arrumar?
30 **MG:** ah se não mandar...eu mando tudo
31 EM: o que acontece quando você entra é sempre do mesmo jeito que você bate?...tem uma...alguma constância?...nessa sua batida
32 **MG:** não é eu tava...bate
33 EM: tava entrando na sua casa?
34 **MG:** não
35 EM: o portão é automático?
36 **MG:** não tava
37 **IP:** chegando né
38 **MG:** tava chegando
39 EM: você ia entrar na casa ou ia encostar
40 **MG:** não ia...
41 EM: encostar
42 **MG:** isso ((risos de EF))
43 EM: aí você bateu no portão dela?
44 **MG:** ah
45 EM: da outra vez foi assim também?
46 **MG:** não
47 **EF:** ((rindo)) nossa senhora
48 EM: era uma outra manobra
49 **MG:** [[é
50 **IP:** [[é
51 EM: G tem que dar uma treinada nessa sua chegada em casa...((MG ri)) não é verdade não é isso?
52 **MR:** você vai brigar com a rua inteira cuidado

De 26 a 51, volta a haver a predominância de pares adjacentes, em forma de perguntas e respostas (P/R). Esse padrão de movimentação do turno parece contribuir para o desenvolvimento direcionado do tópico. Nesse caso, a narrativa de MG é conduzida por uma sucessão de P a respeito do acidente de MG (linhas 29, 31, 33, 35, 43, 45), mantendo assim a estrutura de P/R iniciadas por EM desde a instauração do tópico da atividade de 07/03/2004.

Interessante notar que os turnos de IP são complementos às respostas de MG, no sentido de especificar ainda mais seus turnos, isto é, o relato de suas férias. IP parece reconhecer fundamentalmente dois elementos: a necessidade de desenvolvimento do tópico (nesse caso o sub-tópico “Acidente de MG”) e também a pertinência de elaborar

“complementações” às repostas de MG, seja por meio do preenchimento dos “gaps” das UCTs dos turnos de MG (gramaticalmente curtas), ou como nos seguimentos 14-15 e 24-25 onde IP reconhece a finalização das UCTs dos turnos de MG. No segmento 14-15, a finalização da UCT e, conseqüentemente, a transição do turno ocorrem por meio de uma pista pragmática, o olhar de MG. Uma ocorrência parecida também pode ser observada no segmento em 24-25, onde novamente a ocorrência da transição acontece a partir de hesitações e repetições, ou seja, pistas fundamentalmente prosódicas. Nestes segmentos, é possível observar que IP assume um papel de co-elaboradora dos turnos e desenvolvedora desse subtópico. Vale ressaltar que os outros participantes não fazem sobreposições, e, que de alguma forma reconhecem esse padrão de transição de turnos e de desenvolvimento tópico como práticas conversacionais relacionadas a um gênero oral ou tipo de interação consolidados no grupo.

Estes segmentos ilustram a tese de Ford, Fox e Thompson (1996) a respeito da complexidade da transição dos turnos. Segundo as autoras, a finalização dos turnos conjuga simultaneamente fatores linguísticos que vão além do nível sintático, conforme preconizado no texto seminal de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) e por alguns trabalhos mais recentes de Schegloff (2000, 2007). Se considerarmos a predominância da sintaxe na constituição das UCT, a transição dos turnos em 14-15 e 24-25 é explicada em função do preenchimento sintático das sentenças bem formadas. No entanto, nestes exemplos a transição dos turnos acontece em função da projetabilidade da ação desempenhada pelos participantes, que neste caso é o relato das férias de MG. A simultaneidade de ocorrência de vários recursos léxico-gramaticais, prosódicos e pragmáticos garante a o desenvolvimento do tópico.

A partir da observação deste fragmento, é possível postular que este padrão de movimentação de turno é mais frequente do enquadre interativo “comentários e relatos do cotidiano”. Há indícios de que a relação entre tópico e enquadre interativo é o elemento que estrutura o padrão de transição dos turnos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar nos segmentos analisados as estratégias utilizadas pelos sujeitos afásicos para promover a movimentação dinâmica dos turnos e, assim, assegurar a continuidade do fluxo conversacional da interação e os desdobramentos do tópico

discursivo. As movimentações do turno ocorrem de maneira um pouco diferente de como é preconizada pelo sistema de troca turno de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). Em outras palavras, as formas de passagem de turnos e de finalização das UCT não acontecem somente em determinados contextos sintáticos. Os dados demonstram que os sujeitos afásicos conseguem realizar as transições dos turnos lançando mão de recursos não só sintáticos, mas, também, utilizam os recursos de ordem prosódica e pragmática.

Esta constatação corrobora a tese dos trabalhos de Selting (1996, 2000) e Ford, Fox e Thompson (1996) que buscam rediscutir a primazia da sintaxe como o nível linguístico responsável pelo funcionamento da trocas de turnos. A consequência mais direta da caracterização das UCT influi diretamente em outra unidade que opera a dinâmica dos turnos conversacionais: *os lugares relevantes de transição do turno* (LRT), que, por sua vez, são um dos elementos responsáveis pela organização sequencial e dinâmica das trocas de turno. Assim, torna-se pertinente a compreensão do papel que tais exercem nas estratégias que os sujeitos afásicos lançam mão para operar dinamicamente as trocas de turno em situações conversacionais, isto é, um enfoque da noção de turno conversacional que privilegie mais a sua função textual-interativa do que somente a configuração linguística dos turnos.

Esse deslocamento permite-nos analisar os turnos conversacionais como uma categoria interativa, sócio-cognitiva, voltada à organização das práticas sociais e, sobretudo, comunicativas que ocorrem no CCA. Neste trabalho, esperamos ter demonstrando que os sujeitos afásicos manipulam, ainda com as dificuldades impostas pelas afasias, as estruturas interativo-conversacionais nas atividades cotidianas que o CCA proporciona, onde a linguagem, em seu estatuto discursivo, subjetivo e social (e não somente a língua), torna-se a matéria-prima das interações (MORATO *et al*, 2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FORD, C; FOX, B; THOMPSON, S. Practices in the Construction of Turns: the 'TCU' revisited. *Pragmatics*, International Pragmatics Association. v. 6, n.3, p. 427-454, 1996.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*, 2. ed. São Paulo, Loyola, 2002. (Originalmente publicado em *American Anthropologist*, v. 66, n. 6, p. 133-166, 1964)

HANKS. W. O que é contexto? In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C; MACHADO, M. A. R.

(orgs). *Língua como prática social: das relações entre língua cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

JUBRAN, C. S.; KOCH, I. G. V. (orgs). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, V. 1, 2006.

LEVINSON, S. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Perspectivas dos estudos em interação na Lingüística brasileira dos anos 90*. Recife: (mimeo), 1998.

MORATO, E. M. *et al. Sobre as afasias e os afásicos. Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*. Ed. Unicamp, Campinas, 2002.

_____. *et al. Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de (CCA-IEL/UNICAMP)*. Relatório Processo FAPESP 03/02604-9. Depto de Lingüística – IEL/UNICAMP, Campinas, 2005.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: Mussalim, F.; Bentes, A. C. (orgs.). *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*. v 50, n. 4, p. 696-735, 1974. [Tradução de: Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago *et al.* In: VEREDAS - Rev. Est. Ling, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 9-73, jan./dez. 2003]

SCHEGLOFF, E. Discourse, Pragmatics, Conversation, Analysis. In: *Discourse Studies*, v. 11, n. 1, p. 405 – 435, 2000.

_____. *Sequence Organization in Interaction*. V. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SELTING, M. On the interplay of syntax and prosody in the constitution of turn-constructural units and turns in conversation. *Pragmatics*, International Pragmatics Association. v. 6, n. 3, p. 371-388, 1996.

_____. The constructing of units in conversational talk. *Language In Society*, London. v. 29, n. 4, p. 477-517, 2000.

Recebido em 30 de março de 2010.

Aceito em 20 de junho de 2010.

ANEXO
Sistema de notação

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(3s)	MS: ã:::ham (3s) centro <i>indica 3 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Sobreposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu JM: [ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i::xi... faz tempo aqui *-----→* ((aponta com o dedo))

Fonte: Morato *et al*, 2005.